

MEMÓRIA CAMPINEIRÂ (35)

IMIGRANTES ITALIANOS EM CAMPINAS

(...) A maioria, entretanto, desembarcou em Campinas. O emissor dizia que de Campinas para cima é que estava a oportunidade, é que havia serviço para todos, e mais, trabalho de acordo com a profissão que cada um trazia como lastro, da península. Para Domenico, que sempre trabalhara em moinho na terra-mãe, juraram que na fazenda tal havia um moinho, onde ele poderia dedicar-se à profissão tradicional da família.

— “Parola d’onore” — affiançara-lhe o intérprete. E Domenico fiado naquela “palavra de honra”, decidiu ficar.

Ali mesmo, na estação da Paulista, houve então o passo definidor de destinos, a grande decisão, a que traçaria a meta derradeira para aquelas criaturas. Para toda a vida, talvez. Era o larga.

— “Resto que, mi”, disse firme Domenico, no dialeto vêneto. Resolvera, pois, ficar em Campinas.

(...) Em Campinas já passaram a ser “orientados” por um dirigente italiano, que ali se encontrava há algum tempo, a soldo dos senhores das terras. Cesare chamava-se o homem, e era o guia, o intérprete, o conselheiro, o sabido. E os outros, dadas as circunstâncias, não tiveram solução que não a de seguí-lo e, sobretudo, de obedecê-lo. E que todos ansiavam por um pouso mais ou menos definido e definitivo; e mais: queriam comer, embora mal; queriam dormir, embora mal; e queriam abrigar-se das intempéries, embora mal. Queriam respirar, em suma. E assim, acompanhando o guia, desceram até o centro da cidade.

A curiosidade dos campineiros já era maior do que a dos santistas. Campinas não se acomodara ainda ao espetáculo, ou pelo menos ainda não se acostumara a ponto de mostrar-se apática frente ao borborinho e ao colorido daquele “show” inusitado. Entretanto, a cidade andava então as voltas com inúmeros casos de febre amarela — o que depois, pelos derradeiros anos do século, se transformaria em calamidade. Por isso é que, não obstante o pitoresco da chegada dos imigrantes, eram quase só rapazolas os que os cercavam.

— Olha o vestido daquela moça!, remoqueava um.

— Aquele vai nascer brasileiro, gracejava outro, em alusão a uma italiana que não podia ocultar a gravidez avançada.

— Vocês são todos burros, não são? — dissera um gaiato da terra a um imigrante mocinho. Este sorriu. E o da terra soltou uma gargalhada. O “giovinotto” então ficou sisudo.

— Está “scherzando”, pensou. E adivinhara. O campineiro estava mesmo troçando com ele.

Mas havia também comiseração e simpatia, virtudes que não privilégio de povo algum. Principalmente em relação às crianças.

— Coitada da menina! Toma. E davam-lhe doces e até mesmo um copo de leite.

— É, eles vieram de longe!, condoiam-se os menos insensíveis.

No pernoite daquele primeiro dia de Campinas o grupo alojou-se num casarão da rua General Carneiro — que mais tarde se chamaria Lusitana. Ali lhes deram de comer, ainda bacalhau com biscoito.

— Que tal o “pollastro americano”? , pilheriou Domenico, dirigindo-se à esposa.

— Serve. Se não for só isso a vida inteira, como está me parecendo.

Camas não existiam, mais uma vez. Cada um teve que deitar-se no chão, todos em promiscuidade num salão único, sobre as trouxas de roupas, outros no assoalho duro. E assim dormiram... acordados.

O albor da madrugada ainda não diluira a noite sem lua, quando alguém veio mandar que se levantassem. Houve alguns relutantes, que logo mais acabaram cedendo.

— P’ra onde vamos?, indagaram “a una voce”.

— Vão para suas casas, explicou o dirigente. E temos que sair logo, se não quiserem apanhar a febre.

Serviu-se um pouco de café, ainda com biscoito. A ordem era que colocassem os trastes nas carroças, as quais já estavam chegando e se alinhavam em frente ao casarão.

Somente as mulheres idosas e os homens bem velhos é que tinham permissão para subirem nas carroças junto com os badulaques. E o resto iria a pé. Obedeceram o “conselho” do guia, e lá se foram de novo, arrastando-se lentamente pelas ruas da cidade, depois pela estrada em fora, morro acima, morro abaixo. Só acidentalmente alguém parava, para uma necessidade fisiológica, para acudir uma criança.

Chegaram a um arraial já meio dia passado. Era uma vila de mil e poucas almas, cortada pelo rio Atibaia, nome este pelo qual também era

conhecido o lugarejo. Ali a caravana parou, muito pouco porém, o bastante para poderem comprar umas coisinhas para as crianças, que estavam com fome e sede. Nadinhas de nada mesmo, que a ocasião não era para desperdícios.

Reencetaram a marcha. A caminhada, se fora penosa até então, paulatinamente foi-se tornando insuportável. O calor aumentara; a fadiga desfibrando a todos; as crianças a chorar; as velhas resignando; os válidos a imprecar; e agora a estrada indo morro-acima, sempre subindo, sem uma planura, sem um declive. Estavam em plena serra quando a noite os alcançou. Mas a caminhada prosseguiu, primeiro no lusco-fusco, depois na escuridão.

Domenico, mais afoito que os outros, desde logo se achegara ao dirigente. Perguntava do moinho. Não lhe haviam prometido um moinho? E corajosamente comentava a cruza do tratamento e a brutalidade da viagem que vinham tendo até ali:

— Pois é, “signor Cesare”, é duro a gente deixar sua casa, largar tudo, vir de longe como viemos, p’ra no fim ser tratado desta maneira, desculpe a expressão, como porcos.

Mas o Césare era diplomata:

— Vocês vão se dar bem na fazenda.

Enquanto Domenico se interessava pelo moinho, a mulher perguntava pela igreja. Insistia em ver confirmada a existência de um templo; mas ao mesmo passo descreia das promessas, porque as promessas vinham sendo descumpridas. Passava de nove horas da noite quando os caravaneiros chegaram, afinal, ao destino. Souberam, dias mais tarde, que estavam na fazenda São Luciano.

(Sevá, José — *Eles vieram de longe*, pp. 41-47. Campinas, Editora e Livraria João Amêndola, 1961).